



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## CANDOMBE E O CULTO AOS ANTEPASSADOS

**Profa. Dra. Rosângela Paulino de Oliveira**  
**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP**  
**Universidade Nove de Julho – UNINOVE - SP**  
[rose.paulino@uol.com.br](mailto:rose.paulino@uol.com.br)

O Candombe, conforme Martins (1997), faz parte da estrutura ritual do Reinado de Nossa Senhora do Rosário<sup>1</sup>, tradição que faz parte do cotidiano dos negros de Minas Gerais, que durante todo o ano louvam a santa cantando e dançando nas Congadas e Moçambiques. Dentro dessa estrutura festiva-religiosa, o Candombe é considerado “o pai de todos os reinados aqui da Terra”, seguido do Congo e, por fim, do Moçambique. Sendo, portanto, o detentor de maior poder no imaginário dos congadeiros, é o que dá sentido aos rituais da Congada. É através dele que os filhos de Nossa Senhora do Rosário<sup>2</sup> fazem a conexão entre presente e passado e prestam reverência aos antepassados e aos santos que os protegem. Por meio dele, alimentam a memória coletiva e garantem os segredos e a magia aprendida com os antigos.

É o espaço procurado quando alguém da família morre para buscar o consolo e a certeza de sua permanência na memória do grupo. Sendo assim, podemos dizer que o Candombe é o que ativa a energia vital dos grupos de Congada, a voz que comanda o Reinado de Nossa Senhora do Rosário em plena sintonia com o Congo e Moçambique. Não há, portanto, como separar uns dos outros. Dentro da hierarquia do Reinado, podemos destacar o papel de cada da seguinte maneira:

- O Congo é o grupo que segue à frente dos cortejos para abrir e limpar os caminhos para o Moçambique passar. Seu canto representa a alegria, a festa. É ele quem, lembrando o mito fundante do folgado, vai anunciando que a Rainha do Mar, a Mamãe Sereia, a

---

<sup>1</sup> A devoção a Nossa Senhora do Rosário é o laço mais forte e sagrado que os negros mineiros mantêm com o sagrado. As festas a santa estão diretamente relacionadas com a história da escolha que ela teria feito pelos negros durante o cativeiro.

<sup>2</sup> Segundo dados da Prefeitura de Belo Horizonte, atualmente existem 33 organizações fraternais de devoção a Nossa Senhora do Rosário espalhadas por toda a capital mineira e em suas diversas regionais.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Senhora do Rosário, vai passar. É ele quem puxa o Moçambique saltitando pelas ruas da cidade com sua roupa branca e rosa, capacete com fitas coloridas representando galhos e flores que jogaram para a passagem da santa. São chamados de marinheiros de guerra e seus capitães carregam, como símbolo, a espada.

- O Moçambique vem logo atrás, conduzido pelos mais velhos trás o trono coroado representando Nossa Senhora e os santos protetores. Seu canto é mais lento, pausado, refere-se ao passado distante, às histórias dos antepassados e às lembranças de África. É ele que conta à história de como os escravos conseguiram retirar a santa das águas e sua trajetória para sobreviver no Novo Mundo. Com sua caminhada lenta, imita o movimento do pilão que soca a terra, em uma dança sempre vertical, confluindo céu e terra. Veste roupa azul e branca, como o manto da santa e um lenço branco ou azul na cabeça. Seu símbolo é o bastão, como um cetro, e carrega nos pés a gunga<sup>3</sup>. Diferentemente do Congo, seu canto é todo improvisado, usa a memória e a criatividade de cada capitão.

- O Candombe, que abre as festas, abre as porteiras para que as guardas de Congo e Moçambique percorram os caminhos míticos dos ancestrais movidos pelo som de três tamboretos sagrados, que na Comunidade dos Arturos<sup>4</sup> são chamados de Santana, Santaninha e Jeremias, podendo variar de um grupo para outro. O ritual é interno e dele só participam os iniciados, os participantes das Congadas, para juntos formarem a ingoma dos antepassados: a família que canta, dança e reza junto.

---

<sup>3</sup> Também chamada de campana, é uma correia com latinhas amarrada no tornozelo que funciona como chocalho, símbolo dos grilhões da escravidão.

<sup>4</sup> Os Arturos são um grupo familiar com cerca de 50 famílias e mais de 400 pessoas, que residem em Contagem, município de Belo Horizonte, há cerca de 121 anos, na chamada Comunidade dos Arturos. A história dos Arturos começa com o tráfico do africano Camilo Silvério, que junto com centenas de outros escravizados chegaram ao Brasil em meados do século XIX.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Portanto, os três juntos dão vida ao mito de origem do Reinado de Nossa Senhora que povoa o imaginário dos congadeiros e perpetua-se na memória de todos, conforme explicação do Capitão Regente<sup>5</sup> da Comunidade dos Arturos:

“Um dia os homens estavam andando pela beira do mar e viram uma imagem balançando nas águas. Olharam, olharam e viram que era uma imagem de Nossa Senhora. Foram lá, chamaram os padres rezaram, rezaram e a imagem chegou perto da margem, mas quando eles foram pegar, ela se afastou de novo. Fizeram de tudo pra tirar ela das águas e nada, ela sempre se afastava. Foi aí que os negros tiveram a idéia de pedir pros senhor deixar eles também tentar tirar a santa de lá. Eles riram muito e disseram que se eles, com a ajuda dos padres não conseguiram, como é que eles iam conseguir? Que a santa não ia atender um bando de pretos miseráveis. Mas eles insistiram e os senhores deixaram, mas já avisaram que se eles não conseguissem ia levar uma surra daquelas pra deixar de ousadia. Os negros foram lá, os mais novos e começaram a cantar e dançar pra santa e ela balançou, balançou, mas não deixou eles tirarem ela também. Aí os negros mais velhos foram no mato, pegaram um tronco de árvore, prepararam e fizeram um tambor. Como não tinha couro, colocaram folha de inhame, esquentaram e foram lá tocar e cantar pra santa. Eles rezaram e chorando cantaram num lamento bonito a história deles aqui nas senzalas e a santa foi chegando, chegando e saiu da água e sentou no tambor. Aí foi só festa. Os mais novos, que é o Congo, saíram cantando, dançando, abrindo caminho e preparando tudo pra santa passar. Logo depois vieram os negros carregando a santa no tambor bem devagarzinho, cantando, rezando baixinho, que é o que o Moçambique faz. Por isso ele canta: “Aê, vamos divagar / Moçambiqueiro não pode correr / Aê, vamos divagar”. Aí levaram ela pra senzala, arrumaram um lugarzinho pra ela e deixaram lá. Os senhores não se conformaram e tiraram de lá, colocaram na igreja deles e trancaram todinha pra ninguém mexer. No outro dia quando procuraram a santa ela tinha sumido e tava lá com os negros de novo. Eles bateram, brigaram, ameaçaram e levaram ela de novo, mas era uma coisa, ela voltou, apareceu no mesmo lugarzinho lá na senzala sem ninguém saber como. Quando viram que não teve arrombamento e nem nada desistiram e deixaram ela com a gente mesmo. Foi ela que escolheu os negro pra protege e animar e é assim até hoje. Quando a gente quer falar com ela mais de pertinho a gente toca o tambor do Candombe, que é ele que ela escutou, é ele que ela batizou quando sentou em cima e aí a gente sabe que se tocar com jeitinho, ela e os antepassados vão escutar”.

De acordo com Gomes e Pereira (2000), essa é a fábula das três raças, reformulada pelos padres nessa piedosa versão destinada a cooptar os negros, que tem, no entanto, desfecho inesperado, pois Nossa Senhora torna-se “Rainha do Mar”. Caracterizando-se como a outra face de Iemanjá que foi resignificada pelos negros mineiros.

A Deusa, conforme encontramos em Nicholson (1993), assume o seu lugar de destaque no curso das vidas e da própria história. É o princípio feminino que assume o seu lugar na condução das forças do Universo. A memória é a condutora de toda a festividade. Através

---

<sup>5</sup> Dentro da estrutura hierárquica da Congada, o Capitão Regente é o responsável por organizar e comandar os festejos.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

do canto e da dança, contam a história dos antepassados desde a África, lembrando as intempéries sofridas no tempo de cativo e os desafios do pós-escravidão. Não há linearidade no tempo, vão e voltam na história, ligando passado e presente como uma colcha de retalhos que vai se compondo com a ajuda de várias pessoas. Já não importa com quem aconteceu à história ali narrada, em que ano se deu, ou quem a contou: é a história de todos eles e de todos os negros do Brasil, reconstruída, que sai do subterrâneo, conforme Pollak (1989), e ganha as ruas, torna-se pública.

Mesmo sendo o pai de todo o reinado aqui na Terra, o Candombe é visto como uma guarda do Congado, no qual a sabedoria dos antigos faz-se presente e é retransmitida. É por isso que todos os congadeiros são filhos do Candombe. Não há nada mais sagrado no Candombe do que os tambores, chamados de tamboretas. São eles que comandam o ritual, que ditam a tônica das demandas e das bizarras. Conforme relato dos mestres, o tambor é sagrado não somente por ter tirado, com seu som, Nossa Senhora das águas, mas porque serviu de andor para ela, o que o torna ainda mais digno de reverência.

Para Lucas (2002), a entronização de Nossa Senhora no tambor permite a manutenção e a continuidade, no plano católico, do caráter sagrado dos tambores verificado em rituais religiosos africanos. O tambor é sagrado não somente porque Nossa Senhora sentou-se nele, e os demais instrumentos também o são não só porque juntos atraíram a imagem através de seus sons, mas também porque os instrumentos já eram revestidos de significado mágico para os negros africanos, quando associados a cultos que, por exemplo, funcionavam como meios de comunicação e contato com os antepassados.

Esse caráter sagrado dos tambores e instrumentos é de especial importância para a dinâmica dos grupos, pois, sendo eles sagrados, não podem ser tocados em outros lugares e momentos fora do rito próprio. Não podem sequer acompanhar outros ritmos caso estejam em espaços que propiciem esse encontro. A voz deles deve ecoar somente como conexão do sagrado.

“Quando nós estamos em outros lugares com o nosso Congado e toca outro tipo de música, ou mesmo de outros congados, a gente não pode tocar junto, não. Nem mesmo na missa,



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

pode reparar que a gente canta junto, mas não toca. As nossas caixas, os tambores só podem tocar coisa de fundamento do nosso Congado, é sagrado. Não pode tocar samba, axé, outros ritmos, não. Quando tem batuque aqui nas festas, usam outras caixas próprias pra isso, as do fundamento não pode de jeito nenhum. Se um Congado convidar a gente pra tocar junto, não pode, um capitão nosso vai lá, tira um canto, um caixeiro nosso pode bater a caixa deles um bocadinho e só. Mas não pode misturar”. (Capitão-Mor dos Arturos)

Por isso, os candombeiros apropriam-se de linguagem simbólica cujo significado só faz sentido dentro da estrutura ritual e faz essa conexão entre vivos e mortos, passado e presente. Em uma linguagem que está longe da normativa, que só é transportada e compreendida dentro da oralidade, e, segundo Pereira (2005, p. 29), é um suporte indispensável para entender a organização do Candombe.

Toda a estrutura do Candombe é oral, é cantada, segundo o autor, é um ritual específico cuja tradução realiza-se por meio de pessoas portadoras de linguagem e visão de mundo específicas. Para o candombeiro, assim como para o moçambiqueiro, todo cuidado com a palavra é pouco. A palavra, os cantos estão revestidos de mistério, e pronunciá-los de maneira inadequada pode ativar forças também inadequadas. Existe tempo e lugar certo para certas palavras que só cabem aos iniciados e, conforme Lucas (2002, p.77), a palavra emitida pelo congadeiro está, (assim) investida de força, o que exige dele grande responsabilidade para que o seu uso esteja apropriado ao espaço/tempo. Ele deve entoar os cantos certos para cada circunstância, em cada etapa ritual, sob o risco de, se não fizê-lo, ser punido pelo próprio grupo, pois compromete toda a estrutura do rito.

Para Pereira (2005, p.39), é através desse evento religioso que determinados grupos evidenciam os seus sistemas de relevância, bem como algumas das negociações que estabelecem com outros grupos sociais. Um ritual que não é restrito ao passado, mas estabelece diálogo com as mudanças em curso, tanto nas comunidades que o sustentam quanto na sociedade abrangente. A sua força está na singularidade de usarem o que chamam de “língua de preto”. Uma mistura de palavras de origem dos grupos bantu, com expressões regionais e linguagem coloquial. Com a qual transitam com segurança, com orgulho de suas origens e sabedoria, de guardarem signos que apenas eles conhecem. É o traço mais forte de sua identidade, que aparece justamente no trato com o fenômeno



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

religioso. Mesmo com a pouca escolaridade de seus membros, os saberes, os signos comuns vão sendo apresentados e decodificados por seus integrantes em um sistema que demonstra a relevância da tradição oral na dinâmica do grupo, que evidencia a visão de mundo e o *ethos* que os sustenta, que fortalece os laços afetivos e negocia sentidos com a própria sociedade que os cerca.

Um sistema que nos faz pensar sobre como a cultura popular desafia a cultura erudita ao se impor, resistir e guardar saberes próprios de um grupo que se alinha com a modernidade subjacente. Como em certos momentos, essa cultura popular torna-se modelo de cultura, de preservação e transmissão de saberes na qual aquele que não é formalmente alfabetizado torna-se mestre e possuidor de magia e poder, guardião dos saberes que se revelam como suporte que permite que a população afro-brasileira fique no limiar da marginalidade histórica, estética e afetiva, que é negociada de tempo em tempo. Um sistema que funciona como repositório de energia e força para seus integrantes e vai, nessa teia tecida por Pereira (2005, p. 60), negociando a identidade do afro-brasileiro, a imagem contraditória do negro rico no sagrado e pobre no profano, uma imagem que se espalhou paulatinamente entre os atores da sociedade brasileira.

Por isso, as festas, os ritos de passagem constituem-se como elementos sagrados para o negro mineiro, assim como para os negros dos quatro cantos do Brasil. É no canto, na dança do Candombe, do Congado, do Candomblé, da Umbanda, das expressões afro-brasileiras que esse homem festivo vai exorcizar seus demônios e renegociar sua identidade. Por meio dessas manifestações, ele busca sua conectividade com suas raízes primeiras que o tornam portador da magia que transcende o seu ser, e cujo discurso ritual apresenta-se como forma de leitura do mundo em que habitam, com todos os seus desafios e representação das relações sociais, investidas com sua envergadura do passado e do presente.

Esse ritual que congrega antepassados e santos católicos, que atinge o limiar do sagrado e profano, cercado de enigmas, precisa de um espaço propício para acontecer e manter essa aura de mistério. Esse espaço pode ser o terreiro, uma clareira, uma sala, mas um espaço



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

propício para se formar uma roda que integre todos os participantes. Nos Arturos, ele acontece dentro da capela, diante do altar. Os mestres que tocam os tambores colocam-se ao lado e os demais candombeiros espalham-se de forma a deixar o altar sempre livre, pois é onde estão os santos, bastões, coroas, bandeiras, os objetos sagrados daqueles que são os donos do Candombe. É uma forma de eles também participarem da roda, como afirma um guarda coroas. É na roda do Candombe que surgem os ensinamentos, onde a tradição oral assume o lugar de excelência na transmissão dos saberes. Dentro da sua narrativa, o ritual apresenta os seguintes elementos:

- a) ensinamento dos antigos;
- b) demanda ou porfia;
- c) bizarria;
- d) elementos rituais.

Diferente do Candomblé, dentro da estrutura do Congado, no culto aos ancestrais, quando chamam os antepassados para participarem do Candombe, ou na Matina, não há incorporação em momento algum. Nem mesmo quando cantam e dançam para os orixás, caboclos e pretos velhos, que aparecem sistematicamente nos cantos do Congo e Moçambique. Assim como o ritual de descoroação, ou de tirar a mão dos mortos, em nada se parece com o Axexe, do Candomblé ioruba, ou o Mukundo, do Candomblé Angola.

A presença e relação com essas entidades e entes queridos se dá por meio da memória dos integrantes dos grupos, que, durante os rituais do Candombe, em que lhes fazem reverências, lembram os ensinamentos, os momentos de proteção, e, em se tratando dos antepassados, imitam seus gestos e dança enquanto contam suas histórias.

São os corpos que dançam e expressam essa relação dialógica de um “eu coletivo”, apresentado por Durkheim (1989), com síntese do mistério e encantamento mágico, que os envolve, rompendo as fronteiras de espaço e tempo, presente e passado, que dá o real sentido à fé e à ação dos povos antigos. Para Bastide (2006, p.156), o próprio corpo também pode ser oração, assim como a voz, que é, aliás, em muitos sistemas religiosos



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

africanos, algo corporal. [...] Não devemos, portanto, separar a oração individual da oração coletiva do grupo doméstico, do grupo totêmico, do grupo local.

No interior da hierarquia religiosa, os donos do Candombe são os antepassados e a própria Santa Ana (Santana), Mãe de Nossa Senhora, que passou a ser reverenciada através do tambor maior, que leva o seu nome por ter carregado Nossa Senhora quando essa saiu das águas; Santaninha, que é a filha - Nossa Senhora, e Jeremias. É através desses três tambores do Candombe — Santana, Santaninha e Jeremias — que, conforme Oliveira (2005), os Arturos chamam os antepassados, e eles funcionam como corpos intermediários na relação entre vivos e mortos, embora não haja incorporação visível. No Candomblé, também são os três atabaques — *Rum, Rumpi e Lê* — que ajudarão os dirigentes na condução do culto e no processo de incorporação dos Orixás. Tambores que, nos dois rituais, durante todo o ano são iluminados, alimentados, cuidados e tocados somente por iniciados do sexo masculino.

Contudo, no Candombe, apesar de ser conduzido por homens, que simbolicamente detêm o conhecimento da linguagem sagrada dos tambores, consideramos que o ritual é feminino. O tambor maior, o que garante o elo de comunicação entre o mundo visível e invisível, é feminino, é Santana, a grande avó. O tambor do meio, que auxilia na comunicação, é Santaninha, em referência à filha; e o menor, Jeremias, que pode ser considerado o guardião. As vozes dos tambores femininos unem-se ao já feminino ritual a Nossa Senhora do Rosário, onde Mãe e Filha comandam a crença e devoção dos negros Arturos e de tantos outros congadeiros e candombeiros de Minas Gerais, recriando, gerando vida. É a máxima do enegrecimento da imagem de Nossa Senhora do Rosário. São essas vozes que entram no universo mítico e mágico dos negros, se comunicam com os ancestrais e os convoca para reinar junto com os vivos.

No plano humano, o posto de mestre respeita a hierarquia do Congado e os principais são os capitães de bastão e de espadas, o Capitão-Mor; o Capitão Regente, Reis e Rainhas e os demais iniciados. No entanto, ainda que as mulheres tenham adquirido o direito de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

participar do ritual, somente os homens podem tocar os tamboretes sagrados, assim como os Ogãs do Candomblé.

A iniciação dá-se por meio do aprendizado sobre as práticas do ritual através da tradição oral e da observação participante. Antes de chegar ao posto de capitão, os escolhidos são iluminados, para só depois, quando comprovar sua seriedade, compromisso e participação nos ritos, ganhar essa patente. Fato que pode levar anos, tempo em que serão atentamente observados, treinados e testados pelos demais capitães, reis e rainhas.

O ritual tem relação direta com a idéia de outro tempo, do não linear, do tempo das origens, do tempo cíclico, do que foi e pode voltar. Essa repetição é característica do tempo mágico-religioso que, conforme Eliade (1998, p. 318), instaura o tempo mítico dos deuses e dos antepassados, não em uma instauração alegórica, mas real, devido a sua contemporaneidade, pois, como os grandes momentos míticos, é condição indispensável da eficácia mágico-religiosa, qualquer que seja a sua natureza. É o momento em que os congadeiros conectam-se com a árvore da vida, com a Aruanda dos antepassados e vai às origens revestir-se de forças e poder. Quando voltam, já não são mais os mesmos, são representantes do sagrado que os imbuí de magia de fé.

Não há muitos detalhes sobre a cerimônia, porque é fechada, geralmente não conta com a participação de convidados ou assistentes externos. Não são todos os membros da Comunidade que participam, e os que participam pouco falam sobre o assunto. É nesse momento que reforçam o compromisso com o sagrado que os protege e firmam com os seus integrantes o compromisso de manter a religião e a família sempre fortes. São eles a garantia de manutenção e permanência dos ritos.

Entre os diversos compromissos e deveres de um capitão, está a obrigatoriedade de saber cantar os cantos nos lugares e na hora certa, abrir um reinado, puxar as coroas da Igreja, cantar para tirar um rei ou rainha de casa, firmar e descer os mastros de bandeira, cantar para coroar e descoroar, puxar e responder demandas, conduzir a Matina, agradecer a mesa



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

após as refeições, entre outros. São esses elementos que servem de mediação entre Deus e os homens, entre os antepassados e seus descendentes.

Quando, de acordo com Pereira (2005: p. 71) , sentimos que:

“a religião e a família bantu se integraram, de modo a relativizar à distância do Deus supremo e a consolidar as relações entre os indivíduos. Para chegar à casa de Deus era preciso manter os vínculos de pertencimento entre os vivos e os mortos, uma vez que sem esses vínculos os homens estariam privados da comunicação com Deus e com os seus semelhantes”.

Por isso, para conservar sua identidade, os Arturos procuram sempre manter o controle do Congado e a representatividade dos primeiros Arturos por meio dos seus filhos e filhas nos postos de reis, rainhas, ministros, capitães, o que não impede que outros participantes da Irmandade do Rosário de Contagem possam também somar com eles nesses postos. A presença dos filhos será sempre a garantia da presença e memória dos pais.

O Candombe demonstra autonomia dentro da estrutura religiosa que em tudo se distancia da religião tradicional, em que aparece uma verdadeira ruptura entre religiosidade popular e religião institucional. No momento de sua realização, está presente a tensão entre os contrários: presente/passado, diversão/religião, sem contudo podermos falar em sagrado/profano, pois essa dimensão, apesar de constantemente usada, não é reconhecida pelos candombeiros no momento dos ritos.

É durante o próprio ritual do Candombe que novos e velhos vão transmitindo e recebendo ensinamentos dos velhos e dos ancestrais. É no canto, na dança, nos gestos, no toque dos tambores, no olhar trocado, no riso escancarado ou reprimido que as mensagens vão sendo transmitidas e entendidas somente pelos iniciados. Um ensinamento que não tem a rigidez e o sentido do ensino formal, mas que agrega valores fundamentais à sobrevivência dos seus membros. É o espaço propício para o diálogo com o desenvolvimento da linguagem dos segredos e da arte da dissimulação. É ali que os velhos brincam com os mais novos e os provocam a vir para os tambores cantar. É quando desafiam os mais velhos a mostrarem sua sabedoria, a louvarem o pai, os parentes que já se foram, a saber responder um ponto riscado ou uma demanda lançada.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Isso tudo acontece em uma linguagem codificada, para quem é de fora não perceber. Mas todos os que se levantam para ir “bulir” nos tambores são chamados ou desafiados pelos mestres e companheiros. Nos Arturos, cada um dos presentes representa um galho do tronco da árvore familiar, por isso os filhos, netos e bisnetos de Arthur Camilo e Carmelinda Maria, fundadores da Comunidade dos Arturos, fazem-se presentes e, na impossibilidade dos pais participarem, eles apresentam-se cantando que estão ali para representá-lo:

Minha pai não veio  
Mandou eu

Esse também é um detalhe que esquentava o Candombe, pois os mestres usam esse dado para provocá-los desafiando-os a provar que são tão bons e sábios quanto os pais, o que pode ser respondido a altura caso o filho seja realmente um bom candombeiro:

Oi, fio de peixe  
Peixinho é

Os pontos do Candombe servem para, além dos desafios, estabelecer um diálogo entre Criador e Criatura. Celebrar não só o passado, mas também acontecimentos do presente. Tudo depende da criatividade do capitão que puxa os pontos. Não há estrutura fixa predominante na condução do ritual. Há pontos antigos que são obrigatórios aparecerem em determinados momentos, tanto o de demanda, também chamados de porfia, quanto os de bizzaria. Os pontos antigos são tirados quando a demanda torna-se mais perigosa ou quando a situação externa pede. Nesses momentos, os mais velhos puxam ponto na língua dos antepassados, que pode ser de difícil compreensão para os de fora, mas de fácil absorção para os iniciados, que vêm no canto e na dança a expressão de um dos antigos que o puxava sempre em uma mesma situação, conforme descreve um capitão dos Arturos:

“Quando o tio Antonio canta ponto é porque tá na hora de coisa séria. Acaba a bizzaria. Ele vai lá na língua dos pretos velhos, na língua dos nêgo e busca a sabedoria e resposta pros problemas da gente. Todo mundo fica quieto, de cabeça baixa, tentando entender, pode reparar. É sempre ponto forte, chama pra responsabilidade, são os antigos falando. Tem que firma a cabeça, botar sentido. Tem um ponto que fico até arrepiado quando ele canta. Tem



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

outros que cantam, mas quando é ele, a gente viaja, fica atento. Escuta só quando ele cantar, não tem como não se emocionar. É ponto forte, é sabedoria demais:

Oh, zirimbambo é bangolê  
Oh, zirimbambo é bangolá  
Oh, zirimbambo é uriqui  
Oh, zirimbambo é bambuê  
Oh, zirimbambo é bambuá  
Caci bamba, auê  
Oh, na língua de Angola  
Vamos todos sarava”

Numa concepção poética e lingüística própria, o candombeiro passeia/circula entre o mundo real e o passado que o circunda, trazendo presente à linguagem dos antepassados, demonstrando enorme habilidade em dar significações ao sagrado de forma atemporal. Em uma linguagem simbólica e enigmática que o contexto em si explica, mas que não há tradução. É ouvir novamente e sempre, a África bantu falando.

Percebemos, também, no Candombe, que os participantes, a todo o momento, trazem à tona seu passado de escravidão e sofrimento e, não só rememoram, como fazem dessa memória coletiva um instrumento para justificar, e até reforçar, sua condição de marginalizado na sociedade por guardarem esses saberes “diferentes”.

Halbwachs (1990, p.159.) afirma que um grupo fecha-se no quadro que construiu, no qual cada aspecto, cada detalhe desse lugar em si mesmo, tem sentido inteligível apenas para os membros do grupo. Para muitos, é difícil compreender e conviver com os desafios de um *ethos* que, em sua totalidade, não faz sentido para os agentes externos, que dentro da sua complexidade pode amarrá-lo a obrigações que, se recusadas, abalariam as crenças e valores de um grupo bem maior que ele próprio em sua individualidade.

Por isso, compreender o Candombe, o Congo, o Moçambique e toda a expressão dos negros mineiros em torno do Reinado de Nossa Senhora, é compreender como e porque sobreviveram ao cativo. É compreender uma outra face da religiosidade do negro brasileiro que a quem de todas as críticas e tentativas de desconstrução num discurso de alienação ou de relegá-las ao folclore, enquanto somente manifestação cultural/festiva, sobreviveu e cresceu. É reconhecer que os candombeiros, congadeiros, moçambiqueiros de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Minas Gerais buscam, dia a dia reforçar a sua identidade e sua vivência no sagrado como herança de uma dinâmica que vida que os mantém vivos e fortes, que os motiva e dá sentido para a cada dia se levantar e lutar para depois repousar em paz com a força e as benção de todos os antepassados.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

AUGRAS, Monique. **O duplo e a metamorfose – a identidade mítica em comunidades nagô.** Petrópolis: Vozes, 1983.

BASTIDE, Roger. **O sagrado selvagem e outros ensaios.** Introdução Dorothée de Bruchard; revisão técnica Reginaldo Prandi. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O Divino, o Santo e a Senhora.** Rio de Janeiro: MEC/DAC/FUNARTE, Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, 1978.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

DURKHEIM, Émile. **Formas elementares da vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**; tradução Joaquim Pereira Neto; revisão José Joaquim Sobral. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. Tradução: Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2ª. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1998.

\_\_\_\_\_. **O mito do eterno retorno. Arquétipos e repetição**. Trad. José A Ceschin. São Paulo: Mercuryo, 1992.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães & PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Negras Raízes Mineiras: Os Arturos**. 2ª Ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2000.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, 1990.

LUCAS, Glauro. **Os sons do Rosário: o Congado mineiro dos Arturos e Jatobá**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

MARTINS, Leda M. **Afrografias da memória: o reinado do rosário do Jatobá**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza, 1997.

NICHOLSON, Shirley. **O novo despertar da Deusa**. São Paulo: Rocco, 1993.

OLIVEIRA, R.P. **Os Arturos: unidos pela festa**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2005.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual do Candombe**. Juiz de Fora: Funalfa Edições: Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.

POLLAK, Michael. **“Memória, Esquecimento, Silêncio”**. In: Estudos Históricos vol. 2. Rio de Janeiro: Vértice, 1989.

TAMBIAH, Stanley. **Culture, thought and social action**. In: A performative Approach to ritual. Cambridge, Mass., Harvard University Press, 1985.